



**Dossiê**  
**Afrografias Brasileiras: memória, cultura e sociedade**

**Dossier**  
**Brazilian Afrographics: memory, culture and society**

Osmar Pereira Oliva\*

**P**assados quinhentos anos de colonização do Brasil, ainda somos testemunhas de ações e discursos preconceituosos e discriminatórios em relação a tudo aquilo que não é branco nem europeu. Os negros e sua cultura representam parcela significativa da nossa sociedade, e comumente são vítimas desse processo de exclusão, mesmo que conheçamos a nossa complexa e híbrida formação identitária. São muitos os discursos de poder que regulam a legitimidade e a visibilidade da afrocultura neste país que, apesar de mestiço, lida mal com a cor que tem.

A história do Brasil, em sua linha positivista, quase nada valorizou das muitas contribuições que os negros deram para a nossa sociedade. Ao contrário, em relação aos africanos que eram trazidos escravos para trabalhar nas grandes fazendas do nordeste e nas minas de ouro de Minas Gerais, o que sabemos é que a maioria passava por um ritual de “apagamento” de suas crendices, histórias e dialetos antes de embarcarem nos navios de tráfico negreiro, os quais, por si mesmos, configuravam-se como um espaço de imundície, de fome, de pestes e de sacrifícios, a exemplo

do que nos descreve, ficcionalmente, o poeta Castro Alves, reencenando em sua poesia um inferno dantesco pelo qual os negros atravessavam para chegar em terras brasileiras.

Aqui instalados, como animais de carga pesada, forçados aos mais árduos trabalhos e longas jornadas nas lavouras, o negro foi impedido de manifestar suas tradições orais e suas crenças, sufocados pela religião, pela língua e pela cultura do branco europeu, dominador, mau e, muitas vezes, de personalidade luxuriosa incontrollável, o que levou à exploração sexual dos seus escravos e favoreceu a rápida miscigenação, em relações senhoriais e de trocas simbólicas não tão “harmoniosas” como parece sugerir Gilberto Freyre em sua *Casa Grande e Senzala*. No entanto, sob o luar tropical, essas manifestações religiosas e culturais se fizeram ouvir nos terreiros das grandes propriedades, ou nos silêncios das frias senzalas: as devoções espirituais, os ritmos frenéticos dos tambores, os ágeis lances de braços e pernas, as danças e músicas e as muitas narrativas sobreviveram. O sangue derramado nas lavouras, os gritos abafados pelo estalar dos chicotes

---

\* Professor Titular de Literatura na Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes. Coordenador do Grupo de Pesquisa em Estudos Literários - G.E.L.

não foram em vão. Uma cultura afro se impõe fortemente entre nós e é impossível não a notar. Não temos nenhum objetivo ou ilusão messiânica de “compensar” os marginais da História, mas temos a obrigação de trazer para o debate acadêmico e científico as reverberações de uma cultura escamoteada pelos discursos de poder sob os quais o Brasil fez-se nação, nos moldes europeus. Este dossiê pretendeu, pois, reunir

trabalhos que discutissem a formação do povo brasileiro, sob a influência da cultura negra, a fim de refletir sobre a sua participação na nossa sociedade. Assim, os artigos propõem reflexões sobre a nossa diversidade cultural, que somente pode ser pensada em pontos de tensão, de diálogo e de fricções e, nunca, sob a perspectiva homogênea e harmônica no encontro entre os muitos povos e culturas que nos constituem.